

A CARTOGRAFIA DE PROCESSOS DE ESCRITA
 UMA EXPERIÊNCIA COM A METODOLOGIA DA SENSIBILIDADE

Dra Maria Luiza Cardinale Baptista, Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil, Diretora da Pazza Comunicazione

malu@pazza.com.br, malucaba@cpovo.net, site: www.pazza.com.br,

(51) 3311.6128, (51) 3311.8859, (51) 9115.9256

Avenida Cauduro, 42/201, Bom Fim – Cep: 90035-110
 Porto Alegre/RS - BRASIL

*Uma das conclusões mais fortes da metodologia
 é certamente esta: não faz sentido buscar a
 cientificidade por ela mesma,
 porque método é apenas instrumento.
 Faz sentido, isto sim, fazer ciência para conseguirmos
 condições objetivas e subjetivas mais
 favoráveis de uma história sempre mais humana.
 É um absurdo sarcástico jogar fora da
 ciência o que não cabe no método.
 Se a ciência se der a isto, não passará de algo mesquinho.
 (Pedro Demo)*

Resumo

Este trabalho retoma pressupostos do que eu venho chamando de A Metodologia da Sensibilidade. Parte, então, do reconhecimento da implicação do sujeito na pesquisa e defende uma captação mais sensível, complexa, sistêmica. Além disso, apresenta aspectos da Metodologia na (e da) Pesquisa desenvolvida na Universidade de São Paulo, sobre Os processos de escrita do jovem adulto como expressão da subjetividade e da comunicação contemporâneas.

Palavras-chave: Metodologia, Cartografia, Sensibilidade

Início agora a apresentação de um conjunto de estratégias que dizem respeito à prática de cartógrafa, que adotei na produção da pesquisa. Fundamento-me, para tanto, em ROLNIK (1989, p.66), e na compreensão de que o método cartográfico é aquele se *faz* “...juntamente com as paisagens, cuja formação ele acompanha”. ROLNIK explica que a prática do cartógrafo diz respeito às estratégias de formações do desejo no campo social e que o sujeito que se dispõe a tal prática “... leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações – este, cada cartógrafo vai definindo e redefinindo para si,

constantemente”.(ROLNIK, 1989, p.69). Nesse sentido, parto com um critério de busca de aberturas para a captação sensível do real; um princípio, que é o da paixão-pesquisa em Comunicação; uma regra que é a busca de ‘costura’, busca de encontro com os ‘nós’ da trama dos fenômenos analisados e um roteiro mínimo.

Pretendo, nesse momento, explicitar as estratégias e condições operacionais da pesquisa, a partir de uma determinada concepção de Metodologia. Esse dado é importante, à medida em que o conceito de Metodologia está sendo usado aqui em sentido amplo, conforme LOPES (1990, p. 77): “...*como teorização do processo de produção de conhecimento e como ‘investigação da investigação’, a Metodologia, em uma ciência, constitui o espaço por excelência da reflexão de um campo de conhecimentos sobre si mesmo, enquanto prática teórica.*” Orientou-me, nesse sentido, a atenção às várias instâncias da pesquisa, apresentadas por essa autora (LOPES, 1990). São elas: epistemológica, teórica, metódica e técnica. A intenção, aqui, é, portanto, detalhar elementos das dimensões metódica e técnica, a fim de justificar as opções e explicar as estratégias adotadas, seja na delimitação do campo da pesquisa ou nos procedimentos operacionais.

Como disse no início, resgato aqui a perspectiva **Loucos de Paixão-Pesquisa**¹, para dizer que só acredito na pesquisa produzida por sujeitos implicados emocionalmente, sujeitos inteiros. Convém deixar claro que, quando falo de emoção, refiro-me ao conceito trabalhado por MATURANA² (1998), que não o opõe ao da razão, mas o coloca como algo que está na essência do ser humano e de suas ações. Ele apresenta o conceito de emoções da seguinte maneira: “...*são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação.*” (MATURANA, 1998, p.15). O autor questiona a desvalorização da emoção pela nossa cultura e explica que isso faz com que não consigamos perceber o entrelaçamento entre emoção e razão, “...*que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional.*” MATURANA ensina que todo o sistema racional é constituído a partir de operações com premissas previamente aceitas, a partir de uma certa emoção.

Os conceitos de MATURANA reforçam em mim a compreensão de estreito vínculo entre a produção da pesquisa, da Ciência, e o viver e, mais que tudo, o emocionar-se. E essa

1 Criei esse *slogan* para representar o trabalho de pesquisa e de iniciação científica dos alunos e professores do Curso de Comunicação Social da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, RS, Brasil, em 1995. Está referido também em texto intitulado “Roteiro de um Projeto Paixão-Pesquisa. Diálogo com um Pesquisador Iniciante”, que produzi em 1992.

2 Biólogo chileno, uma das principais referências da contemporaneidade. Autor da teoria que ele mesmo chama de Biologia do Conhecimento ou Biologia Amorosa. Abre a possibilidade de compreensão do entrelaçamento biológico e social ou cultural do humano.

emoção como algo que, associado à linguagem, distingue o ser humano em relação aos outros seres. Eu tenho dito muitas vezes aos meus alunos e pesquisadores: “O conhecimento que vale é o que corre nas nossas veias”. Refiro-me ao conhecimento, que, como nosso sangue, conduz o oxigênio que nos põe vivos, que nos faz renascer a cada instante. E, claro, isso só é possível como resultado da interação com o Outro, como resultado da produção da linguagem.

“O peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocional (...) O humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações. Normalmente, vivemos nossos argumentos racionais sem fazer referência às emoções em que se fundam, porque não sabemos que eles e todas as nossas ações têm um fundamento emocional, e acreditamos que tal condição seria uma limitação ao nosso ser racional. Mas o fundamento emocional do racional é uma limitação? Não! Ao contrário, é sua condição de possibilidade...” (MATURANA, 1998, p.p.18-19).

É nesse sentido que venho trabalhando a concepção de objeto paixão-pesquisa na prática da investigação e do ensino em Comunicação, como pressuposto fundamental. Quero deixar claro que, longe de significar uma visão pueril ou um termo carregado de ingenuidade, sem maior amadurecimento, para mim ‘objeto paixão-pesquisa’ representa uma convicção. O sujeito só produz, se deseja, se algo o mobiliza. A paixão é plena de dispositivos de mobilização. E é assim que me situo - falo do lugar de quem vive, pensa, ensina, estuda investiga Comunicação, como um dos sustentos existenciais. Trago para compartilhar pistas de um conhecimento que venho produzindo, contaminado de emoção assumida. Sim, porque vivemos muito tempo produzindo saber com a emoção escondida e, mais que isso, negada, como se fosse crime ou, pelo menos, força negativa, que se opõe à razão positiva.

O abandono da dimensão emocional é criticado, entre outros autores, por RESTREPO, quando este aborda o que chama de analfabetismo afetivo. Ele resgata uma palavra interessante, *splacnisomai*, do original grego do Novo Testamento. Essa palavra “... corresponde à conjugação de um verbo desaparecido no século II a III de nossa era e que hoje poderíamos traduzir literalmente como ‘sentir com as tripas’.” (RESTREPO, 1998, p.30). Fico pensando. É isso. Sentir com as tripas. É preciso um sentimento visceral que nos coloque em movimento, também na pesquisa.

Para RESTREPO, o que caracteriza o humano e o distancia da inteligência artificial é a capacidade de se emocionar, “...de reconstruir o mundo e o conhecimento a partir de laços afetivos que nos impactam.” (RESTREPO, 1998, P.18). Essa idéia se aproxima do que

MATURANA afirma, no sentido de que o peculiar do humano está na linguagem e no entrelaçamento com o emocionar. O que temos, então, com estes autores é a possibilidade de compreender que as emoções estão na origem de cada ato – seja uma carícia no ser amado ou a prática de pesquisa científica.

Desafios e Implicações metodológicas

Anunciar-me como cartógrafa e defender a perspectiva da Metodologia da Sensibilidade, da emoção na pesquisa, bem como os pressupostos científicos com que venho trabalhando são posturas que me colocam diante de uma série de desafios e de demanda da explicações quanto às implicações metodológicas. Parto da idéia de que a noção de sujeito com a qual trabalho permite-me questionar a dicotomia sujeito-objeto da pesquisa, bem como a relação de determinação de um sobre o outro. Tenho observado que o ‘suposto objeto’ é o próprio sujeito, mostrando-se nas suas qualidades discursivas, de lógica argumentativa, na representação do real - ao menos, do real que esse sujeito apreende, do seu ‘olhar’ para o real. Olhar marcado pela sua subjetividade.

O objeto existe, mas na interação com o sujeito, vai constituir-se com peculiaridades, características **de relação**, numa espécie de ‘mistura’, de simbiose, de modo que fica sempre difícil a determinação dos limites, ou seja, saber até onde é um, até onde é outro. No processo, na constituição da pesquisa, ‘eu e tu’ mesclam-se. A perspectiva racionalista - mecânica, reducionista, cartesiana - propõe a separação, como prática discursiva, como tentativa de afastar a produção científica do plano das emoções - mais difícil de ser trabalhado. (CAPRA, 1990, 1991, 1997; CREMA, 1989; MATURANA, 1998; MEDINA, 1990-1991 MEDINA e GRECO, 1994; RESTREPO, 1998)

Os critérios da teoria sistêmica (CAPRA, 1997, p.46) ajudam a apresentar as implicações metodológicas. Um primeiro deles é a **mudança da visão das partes para o todo - e compreensão que os sistemas são totalidades integradas, com propriedades não reduzíveis às partes**. Isto implica em uma abordagem metodológica que não fragmente o objeto, mas considere os fenômenos em sua totalidade, buscando a compreensão da sua trama de relações. Do ponto de vista técnico, implica em uma multiplicação de dispositivos, com o objetivo de abordar, dessa forma, os entrelaçamentos.

Um outro critério trata da capacidade de deslocamento contínuo nos níveis sistêmicos - uma espécie de ruptura com as hierarquizações rígidas e com a fixidez dos ‘pré-conceitos’. **Quer dizer, aqui temos a necessidade de que o planejamento das estratégias de abordagem dos fenômenos seja o que eu venho chamando de ‘trilha referencial’ e não ‘camisas de força’, que muitas vezes endurecem o processo. Deparamo-nos com o desafio**

de embrenharmo-nos no processo para conhecê-lo verdadeiramente e não apenas para confirmar ‘pré-suposições’, como parece ocorrer com alguns pesquisadores. Do ponto de vista técnico operacional, isto implica em planejamento, sim, mas na sensibilidade para alterações e reconsiderações, quando elas se fizerem necessárias pelas evidências.

O terceiro critério envolve a compreensão de que **não há partes, mas padrões numa teia inseparável de relações**. Portanto, as relações é que são fundamentais. Nesse sentido, temos a compreensão de que uma das grandes dificuldades é o processamento adequado dos dados obtidos, no que tange ao seu cruzamento. Há muitas pesquisas, com excelente nível de dados coletados, mas com grandes deficiências no que tange à explicitação das suas relações. Temos aqui, então, a demanda de um esmero na descrição dos dados, de modo a apresentá-los na sua complexidade.

Fundamental, como critério sistêmico, a **ruptura com a concepção tradicional de objetividade científica**. Nesse sentido, as opções metodológicas implicam em aberturas para extrapolar a captação do concreto. Implicam na ousadia de se posicionar perante o processo, explicitando o ‘lugar’ de onde ele foi construído.

O quinto critério da visão sistêmica nos fala sobre **a compreensão do limite de todas as concepções e de todas as teorias científicas**. Isto nos leva, na questão metodológica, a repensar a instância teórica, principalmente a tendência de adoção cega de visões de mundo, incorporando-as integralmente às peculiaridades de um objeto construído – que envolve, pela sua construção, especificidades, difíceis de serem contempladas por apenas uma visão teórica.

O próximo critério está relacionado à **lógica processual - a estrutura do sistema, vista como manifestação de processos subjacentes**. Em síntese, temos aqui o desafio de abordagem dos fenômenos em sua dinâmica, como processo de vida, considerado em suas mais complexas dimensões. Do ponto de vista do desafio metodológico, este critério relaciona-se diretamente ao seguinte, qual seja, o **caráter efêmero/mutação - compreensão dos sistemas abertos, que precisam de um contínuo fluxo de matéria e de energia, extraídas do seu ambiente**.

Um outro critério considera a **dimensão de entropia (desordem) nos sistemas**. Herdamos nestes séculos decorrentes da Revolução Científica, nestes tempos de Revolução Pós-Industrial, um arsenal de saber e de descobertas tecnológicas que difundiram a informação e o conhecimento amplamente. A facilidade de acesso às informações, a uma enorme quantidade de informações, mais estonteia que esclarece. O desafio aqui, então, é o desenvolvimento da capacidade de convivência com o caos informacional. Os dados obtidos em uma investigação são muitos, múltiplos, não controláveis totalmente e, pela grandiosidade de seu volume, muitas vezes “entopem” o sujeito, a pesquisa. Travam o processo.

Metodologicamente, aqui, o desafio é ficarmos atentos ao que MORIN³ (1991, p.89) chama de “recursão organizacional”, muito bem representado pelo autor pela metáfora do redemoinho.

Por fim, pode-se acrescentar um aspecto decorrente dos critérios – mas não menos importante. Defini este aspecto da seguinte maneira: **a ciência se sensibiliza**. Na medida em que o sujeito cientista tem que captar o real também a partir de dimensões sutis, sensíveis, abstratas, dos fluxos que o compõem, que compõem os universos da significação, a demanda extrapola o reducionismo objetivista. É disso que trata, por exemplo, LIMA (in MEDINA & GRECO, 1994), quando cita o russo OUSPENSKY, para lembrar a expressão “homem dormindo”, que representa o estado de letargia a que foi condenado o homem moderno. O homem que não enxerga a si mesmo. O homem que transformou as “ferramentas-técnicas” para compreender o real em espécies de engrenagens mecânicas. LIMA fala do paradigma reducionista como aprisionamento dos sentidos, deixando o ser humano...

“...estrangeiro de si mesmo, reduzido a uma porção diminuta de sua auto-consciência. A emoção genuína perdeu espaço no gelo cirúrgico da lógica e a apreensão intuitiva definhou-se diante da impotência totalitária do raciocínio linear.” (LIMA, in MEDINA & GRECO, 1994, p. 191)

Vislumbres

O que é possível vislumbrar, avistar, então, diante dessas considerações? Antes de mais nada, a necessidade de aprofundar e ampliar experiências com o que venho chamando de A Metodologia da Sensibilidade, através de dispositivos de ‘abertura’ na apreensão do real, bem como em uma reinvenção nas formas de apresentação do relato dos fenômenos percebidos. Convém, no entanto, deixar claro que a proposta não significa o abandono de métodos e técnicas convencionais. Ao contrário, aponta para um aproveitamento intenso, sem preconceitos, de acordo com as necessidades e características do real observado. Também não se trata apenas de construir metodologias alternativas (DEMO, 1989, p.p.261), mas de tentar rediscutir a própria Metodologia, no sentido de recriá-la, em processos coletivos, “cartográficos”, no sentido que ROLNIK atribui ao termo, em pesquisa. ROLNIK explica que o cartógrafo é aquele que acompanha as mutações da paisagem, enquanto produz sua representação.

“Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matérias de expressão e criar sentido, para ele é bem vindo. Todas as entradas são boas,

³ Este autor é uma referência importante quanto à flexibilização do processo de busca de conhecimento, considerando a incerteza como algo inerente.

desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas (...) O que ele quer é se colocar, sempre que possível, na adjacência das mutações das cartografias... (...) o que quer é apreender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, representações estancando o fluxo, canalizando intensidades, dando-lhes sentido...” (ROLNIK, 1989, p.p.68-69).

Operacionalização da cartografia

A parte de campo envolveu dispositivos heterogêneos. Primeiro, um grande levantamento bibliográfico, visando ter noções da produção já existente acerca das diversas ‘trilhas’. Este levantamento implicou na definição das trilhas: pressupostos científicos, comunicação, subjetividade, processos de escrita, linguagem, pós-moderno, jovem adulto e tecnologia. Depois de um momento de mapeamento da bibliografia inicial, deu-se o trabalho de leituras e fichamentos, de acordo com as prioridades que foram sendo feitas e refeitas, à medida da necessidade de aprofundamento teórico.

A partir do referencial teórico, foi possível realizar também um trabalho de elaboração de linhas de tempo: história dos meios de comunicação, história da escrita, que pude contrapor com a da história da humanidade (grande marcos). Este levantamento possibilitou-me visualizar sincronidades entre as três linhas, ajudando a compreender a importância e transformações decorrentes do dispositivo comunicacional ‘escrita’.

Além de livros pesquisados, é importante ressaltar aqui a grande contribuição de informações obtidas junto a periódicos consultados e selecionados, conforme as trilhas. Nesse sentido, os veículos mais pesquisados foram os jornais Zero Hora, de Porto Alegre, Folha de São Paulo, de São Paulo. Quero ressaltar aqui, desse material, uma grande quantidade de textos, classificados sob a rubrica ‘escrita’, apresentando reportagens e entrevistas com autores consagrados nacional e internacionalmente. Nestes textos, os referidos autores abordam seus processos de escrita e temáticas as mais diversas, como a dificuldade dos jovens com a escrita ou a relação entre palavra e imagem. Há, ainda, uma certa quantidade de textos oriundos da Internet, embora não tenha havido um trabalho de busca sistemática, devido à grande quantidade de informações obtidas.

Para trabalhar a composição da amostragem, tenho pensado três campos de delimitações necessárias. A amostragem bibliográfica, referente a tudo o que se encontra escrito sobre o assunto; a material, envolvendo informações a partir de suportes; e a pessoal, os sujeitos envolvidos diretamente na coleta planejada. Como amostragem material, posso referir também os textos analisados no trabalho de orientação de Trabalho de Conclusão de

Curso. Foram, ao todo, 72 monografias de conclusão de curso orientadas, às quais somam-se textos de projetos de pesquisa e de projetos de iniciação científica. Além destes, considero importante ainda o trabalho de supervisão de artigos, projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses, de outras áreas. A análise desses textos constituiu-se, no processo de conhecimento do assunto que abordo aqui, em rica experiência e fonte de informações.

Antes do trabalho direto com a amostragem do estudo de casos, foi realizada uma sondagem com 120 alunos dos cursos de Comunicação Social e de Letras, da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), de Canoas, RS, através de um levantamento que consistiu no seguinte: os alunos foram convidados, em disciplinas de Língua Portuguesa, a produzir três textos – um sobre sua história de vida, outro sobre o seu cotidiano e outro sobre a sua relação com a escrita. Por fim, as pessoas envolvidas diretamente na pesquisa - os casos analisados - são ou foram estudantes do Curso de Comunicação da mesma universidade. Todos tiveram o trabalho de conclusão orientado por mim, envolvendo um trabalho de observação sistemática e diário de pesquisa de, pelo menos, um semestre. Vários deles produziram a monografia em um ano, sendo as observações resultantes do trabalho nesse período.

Os dois recortes pareceram-me interessantes, na medida em que o sujeito que está cursando uma faculdade vive um momento da vida em que já deveria estar com a escrita estruturada e, também, tem acionado todo o potencial de recepção dos mídias.

A escolha deste público para a pesquisa deve-se ao fato de que estes jovens estão prestes a ingressar no ‘mercado’. Mercado no sentido amplo que venho utilizando aqui. Não é apenas o mercado de trabalho, mas o mercado de relações adultas, de um modo geral. Esses jovens vivem a emergência das exigências da vida adulta, em confronto com suas características de adolescentes. Além disso, deparam-se com uma crise - no sentido de enfrentamento, questionamento e reinvenção - com as referências, em geral. Vivem a implosão das instituições. São marcados pelo período de ‘des-orientação’. Sentem falta de acolhimento para suas angústias, ao mesmo tempo em que têm necessidade de tomar decisões acerca da sua própria vida. Assim, são cobrados a tomar decisões adultas que interferem na vida de todo mundo. Suas atrapalhões ou seus acertos constróem o futuro, no sentido de que cristalizam marcas... Que podem ser de invenção de um mundo novo em múltiplos sentidos...

No caso dos jovens adultos, o encontro com a transformação das referências aparece na reinvenção intensa da linguagem. Temos, então, uma relação direta com o estouro das estruturas de verbalização, já que o processo de construção do verbal é o processo de individuação e de reconhecimento da existência do Outro e da existência do si-mesmo. Estruturação do próprio ser, que se relaciona, em relação e mutação constante.

Quanto aos ‘casos’, a coleta de dados foi realizada através de reuniões semanais com os seguintes objetivos: discutir o processo do TCC; realizar seminários teóricos; analisar e discutir o processo de escrita e suas relações com diferentes áreas da vida do sujeito. Além disso, passei a analisar o texto produzido, buscando observar relações entre este texto e as características subjetivas e de comunicação do sujeito envolvido. Como o que me interessava era o processo e não apenas as características específicas de cada texto, optei por uma descrição mais abrangente, sem apresentar, por exemplo, uma análise das produções textuais, em si. Interessava-me, isto sim, o processo de inscrição... o vínculo da inscrição com aspectos subjetivos e da comunicação contemporâneas.

Além disso, foram realizadas entrevistas com todos os pesquisados, marcadas com fins exclusivos de coletar informações para a minha pesquisa. O momento das entrevistas foi caracterizado pela escuta do pesquisado, numa interação dialógica (MEDINA, 1986), visando ouvir as impressões pessoais sobre o seu processo de escrita. Fundamento-me também aqui em MEDINA (1994, p.p. 180-181), quando esta apresenta alguns dos grandes dilemas, comuns aos cientistas e jornalistas contemporâneos, ajudando-me a pensar, inquietando-me, provocando-me a buscar novas formas de perceber e retratar o real:

“No que diz respeito à linguagem jornalística ou ao discurso da atualidade, a crise da degenerescência do paradigma cientificista-tecnicista, aponta na direção não só de outras narrativas da atualidade como também da profunda reestruturação dos instrumentos de contato com a atualidade como, por exemplo, a entrevista clássica, assim como o pleno aproveitamento das possibilidades intuitivas, racionais e motor-operacionais na observação e leitura cultural do mundo.”

As entrevistas foram estruturadas, de modo a obter uma ampla gama de informações sobre o pesquisado. A estruturação, no entanto, foi complementada às novidades inerentes ao processo de interação entrevistador-entrevistado. Quer dizer, há uma lista de temáticas, que foram abordadas com todos os pesquisados, mas essa lista foi acrescida de novas informações, à medida em que se faziam presentes, naturalmente, na fala do entrevistado. São três as temáticas gerais priorizadas na entrevista: subjetividade, comunicação e relação com a escrita. Há, intencionalmente, uma mescla de temáticas, com o objetivo de obter ainda mais espontaneidade nas respostas.

Pauta para entrevista específica

1. Relação com a escrita
2. Histórico dessa relação – momentos marcantes

3. Relato do cotidiano – o que faz no dia-a-dia
4. Relação com meios de comunicação (quais utiliza, quais mais gosta...)
5. Ambiente vida – como é o lugar onde mora, onde estuda/escreve, com quem mora
6. Relações familiares – descrição das pessoas e do vínculo
7. Relações tribais – descrição das tribos e do vínculo
8. Grandes desejos – pelo menos três
9. Grandes medos
10. Relação com o mercado de trabalho – Já trabalha? Alguma dificuldade? Preocupações?
Relação com chefia?
11. Relação com o estudo. Gosta ou não: Que tipo de matéria gosta mais?
12. Relação com leitura. Gosta ou não. Livros, revistas, internet...?
13. Apresentação pessoal, diferenciais, marca...
14. Como se sente quando tem que entregar um texto que escreveu...?

Apesar da ênfase da análise sobre a expressão/inscrição lingüístico-escrita, a observação sistemática buscou relações com outros tipos, outras formas de inscrição. Isso é coerente também com o conceito amplo de escrita-inscrição, com que venho trabalhando. Foram observados e questionados, no processo, os seguintes aspectos:

1. Iconográfico – relativo à produção textual, envolvendo inscrição/expressão através de imagens;
2. Sonoro – expressão através de sons em geral, particularmente manifestações e/ou relação com produções musicais. Considero aqui que as manifestações sonoras para inscrição do sujeito podem utilizar ou não suportes midiáticos (CD, fita magnética...);
3. Corporal – expressão através de aspectos relacionados ao corpo. Observados aqui desde características físicas, vestuário, adereços/enfeites, emblemas totêmicos, movimentação (caminhar, gestual, dança...);
4. Lingüístico-oral – expressão verbal não inscrita em suporte midiático material. Veiculação direta, sem mediação de tecnologias comunicacionais, interação direta/imediata com o receptor, expressão efêmera;

5. Lingüístico-escrito – expressão verbal inscrita em suporte midiático. Não necessita da interação física e direta com o receptor. Expressão/inscrição que permanece no tempo e tem a possibilidade de vencer o espaço (distâncias) que, muitas vezes, separam emissor e receptor do texto. Nesse aspecto, há ainda algumas especificidades que puderam ser consideradas;
 - 5.1. Monólogo – texto escrito para si mesmo. Ex. Agendas diárias, poesias, textos rascunhos. Tipo de texto pessoal, sem intenção de compartilhar.
 - 5.2. Diálogo – texto escrito para uma outra pessoa, em particular. Ex: cartas, mensagens via internet.
 - 5.3. Tribal – texto escrito para compartilhar em grupo restrito, do trabalho, da escola, de amigos, em grupos de discussão pela internet.
 - 5.4. Midiático – texto escrito para ser veiculado por meios de comunicação de massa, mediado e inscrito em um suporte midiático.

Como se pode observar, tanto entrevista como observação sistemática constituíram-se em instrumentos complexos de coleta. Não houve, diante disso, a pretensão de um processamento quantitativo dos dados obtidos, até porque isso seria incoerente com a proposta de abordagem de uma amostra pequena, em um trabalho qualitativo de estudo de casos. Houve, no entanto, a preocupação de uma ‘escuta’ e seleção criteriosas das informações, bem como o de um relato que correspondesse à seriedade e dedicação com que informações tão significativas foram obtidas. Nesse sentido, alguns cuidados foram tomados no estabelecimento de estratégias de descrição. Para exemplificar a cartografia, apresento fragmentos de um dos casos trabalhados.

CASO GIANLUCCA

“Eu sempre puxei mais pro lado mauricinho, entendeu? Tive cabelo comprido uma época, mas foi aquela fase da moda, acho que ficou pouquinho tempo. Não curto tatuagem, som pesado, esse tipo de coisa não curto, sabe. Coisa mais trash, tipo pierce, brinquinho... drogas, não curto.”

“Eu acho que sou muito bom vendedor. Muito bom Atendimento, entendeu? E... se tu imaginar os clientes que eu tenho. Tenho clientes que falam ‘pobrema’, tem uns que falam tão bem quanto o Johanpeter (empresário gaúcho). E... tu tem que tá em constante adaptação. Tem que ser camaleão (...) Cada cliente eu sei exatamente como vou chegar, como falar, como vou me vestir (...) Eu tenho um cliente que é dono de um salão de beleza. O cara deve ser homossexual. Ele tá falando e tá colocando a mão na gente. Eu não tô nem aí. Me abraço nele, digo: ‘fala meu querido’. Falo mais delicado, assim né (torce a mão), pisco o olho. Ele adora”.

“Uma pessoa bastante competente e humilde, entendeu? Eu acho, eu não acho que sei tudo de comunicação. Eu acho que sei tudo de agência, como funciona uma agência. (...) Acho que não sei. Acho que tenho muito que aprender ainda. Acho que a humildade é o fator principal do sucesso. Eu tenho muito que aprender ainda. (...) Cada dia tô aprendendo uma coisa diferente. (...) Sempre tu tem que estar fazendo um upgrade em ti mesmo”.

“Hoje em dia, não se cria mais com a idéia que tu tem. Tu cria mais com o que tu tem pra fazer, entendeu? Tu tem uma necessidade, pega o computador. Ele tem ferramentas pra fazer o trabalho. (...) Antigamente, tu pegava daqui ó (aponta a cabeça) a tua idéia criativa, botava no papel. Hoje tu pega o que tu tem no computador, todos seus aparatos e monta a idéia criativa”.

“Malu, você não pode me recusar. O fato de eu ser meio desleixado, de não gostar de pesquisa e de teoria tem que ser encarado por você como um desafio. Pensa. Eu sou um desafio pra sua carreira acadêmica. Eu não vou aceitar um não, porque acho que se não tiver alguém que me exija muito não vou conseguir e, nesse sentido, acho que você é a melhor. Se eu pegar um professor trovador como eu, não vai dar certo. Você não pode me rejeitar, só porque sou diferente. Você tem uma imagem errada de mim e vou lhe provar isso”.

Tabela 1 SÍNTESE GIANLUCCA	
Sujeito e a Comunicação	
Características gerais	Falador, sujeito de bom humor, um bom papo. Divertido, usa a extroversão para disfarçar tristezas, constrangimentos e uma certa timidez. Extrema capacidade de adaptar-se a ambientes. Faz o estilo: o cliente é quem manda.
Corporal	Estatura média, meio gordinho, cabelos castanhos escuros curtos, sempre arrumados. Roupas de griffe ou estilo passeio
Imagem-espelho	Define-se como “Mauricinho”, defende o estilo “camaleônico”. Profissionalmente, diz-se um sujeito dinâmico, frio, quando tem que ser.
Lingüístico-oral	Fala prolixa, fragmentada. Troca de assunto bruscamente, longas e muitas intercalações. Tendência ao rodeio. Ênfase na ‘estética’ das palavras.
Sonoro	Já tocou órgão, por imposição dos pais; tocava também violão, por causa da ‘galera’.
Iconográfico	Produz visuais de anúncios, recombina informações de bancos de imagens.
Laços familiares	Forte vínculo com a figura do pai, falecido. Laço com a mãe é o da diferença. Mãe é a lei, a regra, em casa. Brigas com a irmã, que é igual a mãe.
Tribos	Não tem. Sua tendência a adaptação faz com que ele transite por várias tribos, tranqüilamente.

Cotidiano	Caótico, desorganizado, falta de regras, dorme tarde, troca o dia pela noite, acorda tarde.
Relações midiáticas	Assumido dependente do telefone, do computador e da TV – ansiedade no uso do telefone; dispersão e fragilidade de vínculos na relação com a TV; usa o computador para “criar” visuais.
Mercado	Sentimento de instabilidade, insegurança; preocupa-se com a competição.
Medos	De ser excluído do mercado, a morte, a solidão e o insucesso.
Desejos	Muito dinheiro, saúde, sucesso.
Produção Lingüístico-Escrita	
Marcas	Procura sempre escapar da escrita. Nunca escreve cartas. Folder com erros graves de escrita foi impresso para o cliente, teve que ser refeito, produzindo atrasos e prejuízos.
Tipos	Não escreve textos pessoais. Facilidade para escrever textos em jornais, cartas comerciais, relises.
Processo de escrita	Parecia determinado, mas começou a negacear o texto. Não entregava. Pressionado, repetiu com a escrita verbal o que faz com a visual. Pegou produções de outros e combinou-as, assumindo a autoria. Escrita pastiche, de ética questionável, em ‘costura’ superficial, frágil, até porque feita às pressas.

O processo apresentou bem a dicotomia narcisista-idealizador de si versus sujeito tímido-inseguro. Ocorre que o processo de escrita é um processo de materialização e reconhecimento e justamente aí há um problema. Um problema entre a imagem pública do Gianluca, essa imagem para o seu público, e a imagem do Gianluca para si mesmo. Sim, porque essa imagem pública de ‘eu faço e aconteço’ não combina com a de um cara que não consegue escrever um texto, elogiado, que o apresente bem, que passe sua imagem como ele quer que seja. Houve, então, uma negação da escrita, decorrente do confronto entre ideal do eu e eu possível, em função da realidade.

Gianluca demonstra, então, uma insegurança com relação ao seu potencial, característica que produz o que eu chamei de efeito balão de ar. Ele expõe uma aparência de bela estética, de quem quase pode voar, mas, na verdade, não acredita nisso, o que o faz, na inscrição, sem consistência. Frágil. Fragmentado ou sempre em tentativa de se esconder. Seja usando palavras vazias, seja costurando um texto que não é seu. Gianluca não quer se mostrar inteiro, enfeita-se com esmero, e põe a máscara de bem humorado, de jovem empresário bem sucedido.

Estilo camaleônico, vai aparecendo em um texto, que busca ser igual ao dos autores, tanto que, para isso, se apropriou... incorporou para si traços desses autores, escorregando eticamente, fundindo-se - como o camaleão -, deixando dúvidas sobre os limites entre si e o Outro. Falador, enrolador, figura pastiche, produziu seu texto, como faz com as imagens, mesclando produções de outros. Texto pastiche de citações mescladas, fundidas despreocupadamente, quase que ingenuamente...

Vivia dizendo que eu iria adorar o que tinha escrito, que o trabalho estava ficando genial e etc, etc... e, na prática da escrita, no processo de inscrição, mostrava toda sua insegurança, escondia-se atrás dos autores. Também esse é um forte traço do ser humano contemporâneo. Sujeito obrigado a construir uma imagem pública de sucesso, calcada no ideal de perfeição. “*O mundo trata melhor quem se veste bem*”, dizia o Gianluca, repetidas vezes, enquanto ensaiava a apresentação do texto decorado para a banca... Subjetividade tensionada pelo mercado, ansiosa por ser bem tratada. “*Sempre tu tem que estar fazendo um upgrade em ti mesmo.*”

O uso do computador, no caso de Gianluca, muitas vezes também ajuda a encobrir dificuldades ou a expressar características. “*Sou pelo lado mais prático*”, afirma ele. Assim ele vai produzindo, malandramente achando que sempre é possível dar um jeitinho, com uma boa lábia. Pressionado, fez com o texto o que faz com as imagens e com as palavras na oralidade. Quer dizer, juntou pedaços já prontos para montar “a sua idéia”.

De cotidiano caótico, outro traço típico da contemporaneidade, Gianluca produz “como dá”, “quando dá”. Seu jeito também meio caótico de funcionar expressa-se claramente no seu processo e na sua escrita. Nem sempre consegue tirar do caos o seu melhor... Daí, a probabilidade de produção de uma escrita aos pedaços... Em termos de influência midiática na estruturação da linguagem, parece que a grande marca é a televisão. Informações superficiais, sempre demandando aprofundamento. Informações quebradas, marcadas por corte seco. Em televisão, o efeito corte seco significa a mudança brusca de uma cena para outra. Gianluca faz isso o tempo todo na escrita. Tem dificuldade de estruturação e de construção da escrita linear.

Embora a influência do computador também se caracterize por mudanças bruscas de assunto, a diferença está na qualidade das informações e do que se pode pressentir em cada ‘janela’. Dizendo de outra maneira, a cada mudança de assunto, no computador há a promessa de informações muitas, diversificadas... No caso da TV, não necessariamente. Há muita cena que nem ao menos promete. Funciona mais como *insert*, típico efeito para encher lingüiça.

As características da sua expressão oral também estiveram fortemente presentes no seu processo de escrita. Exageros, rodeios, fragmentações, longas intercalações. Um processo em que o texto – e o sujeito – se esconde sorratamente nos rodeios, quase que ensaios estéticos

do quanto é possível expressar, expressar e não dizer nada. O texto – sujeito – que não vem, se esconde. Quando aparece, vem superficial ou “disfarçado”, às vezes, de um texto pronto, bem acabado, mas que não identifica o sujeito que escreve e desse modo se recria.

BIBLIOGRAFIA

CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. 12ª edição, São Paulo, Cultrix, 1991.

_____. O Tao da Física. Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. 11ª edição, São Paulo, Cultrix, 1990.

_____. A Teia da Vida. Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos. 9ª edição, São Paulo, Cultrix, 1997.

CREMA, Roberto. Introdução à Visão Holística. Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma. São Paulo, Summus, 1989.

DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. 2ª edição, São Paulo, Atlas, 1989.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Pesquisa em Comunicação. Formulação de um Modelo Metodológico. São Paulo, Loyola, 1990.

MATURANA, Humberto. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. Belo Horizonte, UFMG, 1998.

MEDINA, Cremilda. Entrevista. O Diálogo Possível. São Paulo, Ática, 1986.

_____. (org.). Novo Pacto da Ciência. A Crise dos Paradigmas - I Seminário Transdisciplinar. São Paulo, ECA/USP, 1990-1991.

_____. e GREGO, Milton. (orgs.). Novo Pacto da Ciência 3. Saber Plural. O Discurso Fragmentalista da Ciência e a Crise de Paradigmas. São Paulo, ECA/USP/CNPq, 1994.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. São Paulo, Instituto Piaget, 1991.

RESTREPO, Luís Carlos. O Direito à Ternura. Rio de Janeiro, Vozes, 1998.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental. São Paulo, Liberdade, 1989.